

Serviço Informativo da Junta dos Lacticínios da Madeira

N.º 77

PRIMEIRO TRIMESTRE

1963

Suplemento do Boletim da J. L. M. — Distribuição gratuita

Cistite Hemorrágica na Ilha da Madeira

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Pelo

Médico-vet.º Bacili Alcino Dionísio

Vice-Presidente da Junta dos Lacticínios da Madeira

Entre os vários processos patológicos que ilustram os mapas nosológicos, elaborados pelo Fundo de Previdência Pecuária da Junta dos Lacticínios da Madeira, figura a cistite hemorrágica.

Esta entidade patológica é por demais conhecida dos nossos criadores de gado sob a designação de *urina de sangue*, dada a hematúria verificada, temendo-a pelos consideráveis prejuízos expressos em carne, crias e leite que acarreta.

Por este motivo, procuram os proprietários desfazer-se dos animais ao mais pequeno sintoma, transaccionando-os ou enviando-os para abate.

Não obstante as dificuldades originadas por este facto, conseguimos acompanhar de perto a evolução do processo nalguns casos, tendo-se verificado que se caracterizava por marcha lenta, arrastada, e pela ausência de hipertermia.

A princípio os animais exibiam, por vezes, apenas ligeira hematúria, sem repercussão evidente no seu estado geral, motivo por que o processo passava, nalguns casos, despercebido dos criadores de gado. Mas com o tempo, aquele sintoma acentuava-se, manifestando-se com maior ou menor intensidade, consoante a duração e gravidade da afecção.

Esta hematúria era mais pronunciada sobretudo no final da micção, o que nos permitiu considerá-la como a resultante de um processo vesical, distinguindo-se, assim, da de origem uretal ou renal.

A urina correspondente apresentava-se de facto corada, ora de vermelho claro, ora de vermelho vivo, conforme a abundância de sangue extravasado dos vasos da parede vesical e a fase da evolução do processo. Observámos por vezes, que a urina assumia o aspecto de vermelho bastante carregado, escuro mesmo. Esta última tonalidade, segundo a opinião de alguns autores, seria devida à hemoglobina resultante da alteração dos glóbulos vermelhos por infecções ulteriores.

Notámos também, ainda que mais raramente, a emissão de coágulos sanguíneos, derivados da acumulação de sangue na bexiga.

Em consequência das perdas consideráveis de sangue, tudo dependendo do tempo da evolução do processo e da sua gravidade, surgia a anemia e o emagrecimento progressivo acompanhado, não raro, de diarreia e de edemas; os animais



Sala de Documentação
Contemporânea

perdiam peso, mostravam-se debilitados, seguindo-se-lhe, nestes casos, a morte num estado de miséria orgânica deplorável.

Todavia, verificámos nos casos mais benignos, diagnosticados a tempo, o desaparecimento de hematúria em muitos animais através da correcção da alimentação como adiante veremos.

Foi-nos possível confirmar o substractum anatómico do processo, por várias vezes, no decorrer das nossas funções de inspector sanitário do Matadouro do Funchal.

Com efeito, vimos na parede vesical através de algumas dezenas de exames, além do conteúdo hematúrico, lesões de carácter congestivo e hemorrágico, associadas frequentemente a neofomações de vários tamanhos, em regra, pediculadas, de natureza angiomasosa e, algumas vezes, a úlceras mais ou menos extensas.

Estas lesões, de um modo geral, eram circunscritas a determinadas zonas da parede daquele órgão.

Sob o ponto de vista de inspecção de carnes tivemos ocasião de reparar que, em alguns casos, o estado de carnes e de gordura era regular, enquanto que noutros era manifestamente mau.

A maior parte das vezes, as carnes apresentavam-se anémicas e tanto a gordura profunda como a superficial exibiam cor amarelo-enzofre, mais ou menos pronunciado.

As carcaças apresentavam-se, além disso, como se tivessem sido mergulhadas em água, denunciando assim um estado hidrohémico manifesto.

Tentámos observar os longos períodos de repouso a que se refere Liégeois e outros, que alternam com os períodos hematúricos, mas foi-nos difícil verificar intermitências além de dias ou semanas.

Este facto parece filiar-se no receio de alguns proprietários pela terrível *urina de sangue*, o que os leva a eliminarem os animais logo que se apercebem do carácter hematúrico da micção, ou quando os supõem curados.

Daqui se poderá inferir que aqueles têm a noção do perigo das recidivas e, por conseguinte, o conhecimento das citadas intermitências. Este facto milita a favor da persistência das lesões e, portanto, da cronicidade do processo. Por outro lado, procurámos ajuizar acerca da sua expansibilidade, tendo-se verificado que o processo é de carácter enzoótico. Com efeito, o processo tem-se manifestado com maior ou menor frequência, conforme se verifica pelo número de casos de doença e de morte ocorridos nos últimos onze anos:

Anos	N.º de casos de doença	N.º de casos de morte
1952	154	17
1953	131	14
1954	149	11
1955	123	16
1956	104	13
1957	57	12
1958	39	11
1959	49	9
1960	27	4
1961	40	11
1962	29	6

O contacto que tivemos com estes casos permitiu-nos verificar que as vacas em produção (gestação e lactação) pagavam maior tributo ao processo.

Por outro lado, observámos ainda:

1.º — Que o processo aparece em todos os meses do ano, variando o respectivo número de casos entre limites bastantes restritos.

2.º — Que o processo se distribui por quase toda a Ilha com excepção das freguesias do Caniço, Caniçal e Quinta Grande, onde não se registou no decurso dos

onze anos qualquer caso do nosso conhecimento. Nalgumas freguesias, o número de animais atingidos foi bastante reduzido. Este facto parece filiar-se na frequente migração dos animais de umas zonas para outras, o que torna possível a transumância involuntária de rezes acometidas daquele mal. Por este motivo, aquelas freguesias parecem ser indemnes ao processo.

3.º — Que o maior número de casos diz respeito, nomeadamente, às freguesias do Santo da Serra, Faial, Santana, São Jorge, Boaventura, São Vicente, Ponta do Pargo, Estreito da Calheta, Calheta, Canhas, Ponta do Sol, Tabua e Serra d'Água.

Não obstante ser desconhecida a etiopatogenia do processo, admitimos a possibilidade de estarmos em presença de causas de natureza alimentar, devidas, por um lado, à acção tóxica de origem vegetal e, por outro, à carência em elementos nutritivos da alimentação do gado, referida por alguns autores.

Como sabemos, a alimentação do gado, na maior parte da Ilha, é bastante deficiente, não só sob o ponto de vista quantitativo, mas também, e sobretudo, sob o ponto de vista qualitativo.

Com efeito, escasseiam as forragens e estas são, dum modo geral, pobres em matéria proteica e sais minerais, estes últimos expressos, nomeadamente, em cálcio e fósforo.

Estas deficiências agravam-se a quando da preparação dos terrenos para as culturas e a seguir às estiagens prolongadas ou a invernos rigorosos, o que impõe, muitas vezes, o recurso às chamadas forragens da serra, as quais constam, segundo a época, de ramos de loureiro, de folhado, de barbusano, de uveira, de urze ou de castanheiro, de carvalho, etc., e de outras espécies da flora espontânea e indígena, colhidas nos píncaros das rochas ou nas suas vertentes.

A acção tóxica referida resultaria da ingestão de algumas plantas existentes na Madeira, como por exemplo: *Ranunculus acris*, *Euforbia Lathyris*, *Mercurialis annua* (urtiga morta), *Lobelia urens* (cabreira), *Pteris aquilina* (feteira) etc. as quais seriam veiculadas com as forragens ministradas ao gado e que, segundo alguns autores, possuem propriedades irritantes. Estas fariam sentir-se, com maior facilidade, nos animais acometidos de lesões hepáticas, como as devidas à distomatose, visto que o fígado, nestas condições, não realizaria a sua função antitóxica.

Para Galtier, o *ranunculus* produziria por este motivo a afecção, embora ela tenha sido identificada em animais isentos daquela parasitose.

Dado que o nosso gado bovino se encontra bastante infestado pelo *Distomium hepaticum*, é possível que a predisposição criada por este trematódeo tenha para o caso da Madeira a sua justificação.

Muitos autores incriminam ainda as plantas ricas em ácido oxálico, dada a abundância de cristais de oxalato de cálcio encontrada na urina dos animais doentes. Como estas plantas se encontram representadas na flora madeirense, através das espécies do género *Oxalis*, como a *Oxalis martiana*, *Oxalis corniculata*, *Oxalis cernua*, etc. é natural que tenham também alguma interferência na etiologia do processo em questão.

Seja como fôr, o certo é que o processo se apresenta com maior número de casos nas freguesias onde mais se faz sentir a falta de forragens, como sucede com as já referidas do Santo da Serra, Faial e Santana. Esta circunstância implica o aproveitamento de plantas de reduzido valor alimentar e até, de algumas, possivelmente, prejudiciais, como as que acabamos de descrever.

O nosso modo de ver assenta nas referidas deficiências alimentares, e no facto de o número de casos ter diminuído nos últimos anos, o que se atribui à melhoria do regime alimentar, através da administração de forragens escolhidas e correctivos, como as farinhas de carne, pó de ossos, minesalt e zoocal.

Não obstante, o assunto está longe, bem o sabemos, de se encontrar esclarecido. Para tanto, necessitaríamos de dispor de elementos de prova suficiente, relativos, por um lado, à toxidade das referidas plantas, existentes na flora madeirense, e, por outro, à forma como aquela e, bem assim, a carência alimentar, actuaria na génese da processo.